

Cadernos

Raiz da Questão

OS BAMBAS DA BARRA FUNDA

Samba, Memória Negra e Direito à Cidade



CAMPOS
ELÍSEOS

LAPA

ESTAÇÃO
BARRA FUNDA

RIO TIETÊ

AV. MARQUÊS DE SÃO VICENTE

BARRA
FUNDA

ESTAÇÃO
JÚLIO PRESTES

SANTA
CECÍLIA

VÁRZEA
DO CARMO

CADERNOS

RAIZ
DA QUESTÃO

Cadernos Raiz da Questão

OS BAMBAS DA BARRA FUNDA

Samba, Memória Negra e Direito à Cidade

A INICIATIVA NEGRA
EM SÃO PAULO

LIVROS
RAIZ.

Raiz Livros / Cadernos Raiz da Questão nº 3

CARTOGRAFIAS DE BAMBA
Samba, Memória Negra e Direito à Cidade
A Iniciativa Negra na Barra Funda

RAIZ livros - Independently published
ISBN: 9798191167114
Apresentação; Capítulos de 1 a 8; Samba SP; Bibliografia

©Revista Raiz, 2026, textos, artes e capa
©Iniciativa Negra, 2026, fotografias
©Edgard Steffen Junior, 2026, texto Samba SP

RAIZ – Cultura Brasileira – raiz.art.br

Rua Laura Maiello Kook, 1.550
CEP 18052-445
Sorocaba – SP

Esta obra é protegida por lei. Não pode ser reproduzida no todo ou em parte, qualquer que seja o modo utilizado, incluindo fotocópia ou xerocópia, sem prévia autorização do autor. Qualquer transgressão à Lei dos Direitos do Autor será passível de procedimento legal.

Cadernos Raiz da Questão

OS BAMBAS DA BARRA FUNDA

Samba, Memória Negra e Direito à Cidade

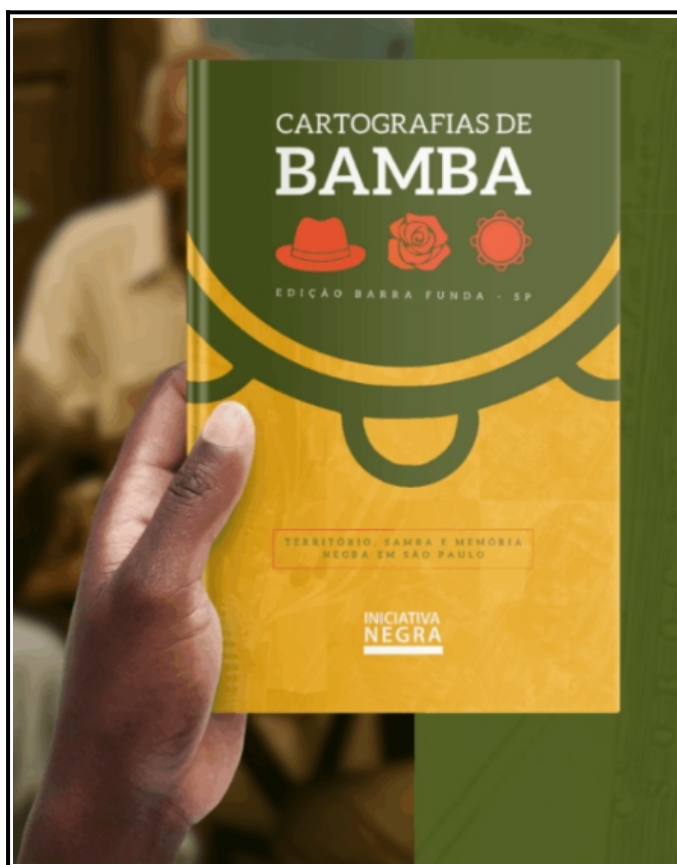
**A INICIATIVA NEGRA
EM SÃO PAULO**

REVISTA
RAIZ.



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	9
 CAPÍTULO 1	
Iniciativa Negra e o samba paulista.....	15
CAPÍTULO 2	
O samba paulista antes das escolas de samba.....	21
CAPÍTULO 3	
Cordões carnavalescos e territorialidade.....	29
CAPÍTULO 5	
Redemocratização e as novas políticas culturais....	43
CAPÍTULO 5	
Memória, patrimônio e os desafios contemporâneo.....	47
CAPÍTULO 6	
A Barra Funda como território negro.....	51
CAPÍTULO 7	
Quando o carnaval virou política pública.....	54
CAPÍTULO 8	
O projeto das Cartografias.....	57
 extras	
Na TV RAIZ.....	60
SAMBA SP.....	62
BIBLIOGRAFIA SUGERIDA.....	73



APRESENTAÇÃO

Toda cidade produz mapas. Alguns delimitam ruas, avenidas e edifícios. Outros registram percursos afetivos, encontros, celebrações e conflitos — traçados pela memória coletiva, invisíveis nos atlas convencionais. É nesses mapas que vivem as culturas populares.

A Barra Funda ocupa um lugar singular nessa cartografia de São Paulo. Muito antes de se tornar alvo da especulação imobiliária e das transformações urbanas das últimas décadas, o bairro consolidou-se como um dos principais territórios da população negra paulistana. Entre trilhos ferroviários, fábricas, cortiços, campos de futebol de várzea, terreiros e quintais, surgiram formas de sociabilidade que dariam origem ao samba paulista.

Nesse território, cordões carnavalescos, blocos e escolas de samba estabeleceram

suas raízes, impulsionados por trabalhadores, migrantes, músicos e lideranças comunitárias. Nomes como Dionísio Barbosa, Geraldo Filme, Inocêncio Tobias e Madrinha Eunice ajudaram a construir uma tradição que ultrapassa o universo do carnaval e integra a própria história da cidade.

Como ocorre em diversas metrópoles brasileiras, a memória desses territórios nem sempre acompanha as transformações físicas da paisagem. A verticalização e a substituição de antigos espaços de convivência colocam em risco referências culturais acumuladas ao longo de gerações.

**Quando desaparecem os lugares
emblemáticos, frequentemente
desaparecem também as histórias que
lhes deram sentido.**

É nesse contexto que surge o **projeto Cartografias de Bamba, do coletivo Iniciativa Negra**. Mais do que registrar personagens ou documentar manifestações culturais, a iniciativa propõe compreender os vínculos entre o samba, o território e a população negra na Barra Funda contemporânea. Ao reunir depoimentos, fotografias, registros audiovisuais e ações educativas, constrói um inventário de saberes que permanecem em circulação graças à atuação de seus próprios protagonistas.

Esta publicação parte desse trabalho para ampliar a reflexão. Em vez de apenas apresentar resultados, procura compreender por que determinadas memórias permanecem invisíveis e quais são os desafios para sua preservação. O protagonismo da narrativa pertence aos sambistas, compositores, pesquisadores, mestres, moradores e guardiões que continuam fazendo do samba um espaço de criação, encontro e transmissão de conhecimentos.

O protagonismo dessa narrativa pertence aos sambistas, compositores, pesquisadores, mestres, moradores e guardiões da memória

que continuam fazendo do samba um espaço de criação, encontro e transmissão de conhecimentos. O projeto desenvolvido pela Iniciativa Negra insere-se nesse movimento mais amplo de valorização da cultura como direito, fortalecendo processos de documentação, pesquisa e difusão produzidos em diálogo com os próprios territórios.

Quando conhecemos o passado da nossa cidade, passamos a ver as ruas, os monumentos e a arquitetura não apenas como cenários, mas como testemunhas vivas de identidades, lutas e conquistas de quem veio antes de nós. Isso ajuda a mudar nossa relação com o espaço público.

Mais do que recuperar lembranças do passado, Cartografias de Bamba convida a pensar o futuro. Afinal, preservar o patrimônio cultural não significa apenas conservar objetos ou edifícios, mas garantir condições para que práticas, histórias, linguagens e modos de vida continuem produzindo sentido para as próximas gerações.

É nesse contexto que esta publicação se insere

O samba paulista aparece como uma chave de leitura para compreender a presença negra na formação da capital, revelando redes de sociabilidade, formas de resistência e experiências coletivas que continuam influenciando a produção cultural contemporânea.

Ao percorrer essa trajetória, o leitor encontrará discussões sobre o associativismo negro, a constituição dos antigos cordões carnavalescos, a importância de bairros como Barra Funda e Bixiga, a transformação do carnaval em política pública, os processos de patrimonialização e os desafios atuais da preservação da memória.





Velha Guarda Musical da Escola de Samba Camisa Verde e Branco em evento da Iniciativa Negra no Bairro da Barra Funda – *fotos Iniciativa Negra*



CAPÍTULO 1

Iniciativa Negra e o samba paulista

Memória, território e direito à cidade.

O samba paulista costuma ser lembrado por seus desfiles, compositores e escolas tradicionais. Menos conhecida é sua dimensão como experiência de organização social construída por comunidades negras que, ao longo do século XX, transformaram bairros, criaram redes de solidariedade e produziram formas próprias de ocupar a cidade.

Essa história ultrapassa o campo da música. Ela envolve processos de migração, formação de associações, discriminação racial,

urbanização e trabalho. Compreender o samba paulista significa reconhecer que parte da história de São Paulo foi escrita por populações negras que encontraram na cultura um instrumento de pertencimento e afirmação de direitos.

Nas últimas décadas, essa compreensão passou a orientar novas formas de atuação de organizações da sociedade civil, pesquisadores e coletivos culturais. A memória deixou de ser entendida apenas como preservação do passado e passou a integrar debates sobre cidadania, justiça racial e direito à cidade.

É nesse contexto que se insere a **Iniciativa Negra por uma Nova Política sobre Drogas**. Fundada em 2015, a organização desenvolve pesquisas, ações de incidência política e projetos voltados à promoção da justiça racial e dos direitos humanos. Parte de seu trabalho procura compreender como as desigualdades raciais se manifestam também na ocupação dos territórios urbanos, no acesso aos equipamentos culturais

e na preservação das memórias produzidas pelas comunidades negras.

Ao aproximar-se da história do samba paulista, a Iniciativa Negra amplia esse campo de atuação. O interesse não está apenas na documentação de manifestações artísticas, mas na valorização das experiências sociais construídas em torno das escolas de samba, dos antigos cordões carnavalescos, das rodas de samba, dos clubes negros e de outras formas de organização comunitária que marcaram a história da cidade.

Essa perspectiva dialoga com uma compreensão mais ampla de patrimônio cultural. Em vez de restringir a preservação aos edifícios históricos ou às grandes coleções institucionais, reconhece que documentos, fotografias, instrumentos musicais, depoimentos orais e trajetórias de lideranças comunitárias constituem um patrimônio igualmente relevante para compreender a formação de São Paulo.

Ao longo do século XX, muitos desses registros permaneceram dispersos em arquivos pessoais ou nas próprias comunidades. A ausência de políticas permanentes de preservação contribuiu para o desaparecimento de parte significativa dessa documentação.

É dessa compreensão que nasce o projeto **Cartografias de Bamba**. Mais do que registrar escolas de samba ou personagens conhecidos, a iniciativa busca reconstruir relações entre cultura, território e memória. Ao reunir depoimentos, documentos e percursos urbanos, propõe uma leitura do samba como fenômeno social capaz de revelar as transformações da cidade e as formas de organização das populações negras paulistanas.

A cartografia, nesse caso, não se limita ao desenho geográfico dos bairros. Ela procura identificar redes de convivência, espaços de sociabilidade, lugares de trabalho, antigas sedes

de associações, terreiros, campos de futebol e salões de baile — pontos que constituíram a vida cotidiana das comunidades negras.

Cada um desses lugares ajuda a compreender como o samba participou da construção da cidade.

Ao reconhecer essas trajetórias, o projeto aproxima pesquisa histórica, patrimônio cultural e políticas públicas. Produzir memória torna-se também uma forma de fortalecer direitos culturais, ampliar o acesso ao conhecimento e contribuir para que novas gerações encontrem referências sobre a participação negra na história paulista.





Tia Neide e Dona Duda Ribeiro recebendo as homenagens da Cartografias de Bamba
– *fotos Iniciativa Negra*



CAPÍTULO 2

O samba paulista antes das escolas de samba

Quando se fala na história do samba brasileiro, a narrativa dominante costuma privilegiar o Rio de Janeiro. Embora a importância carioca seja incontestável, essa perspectiva obscurece processos igualmente relevantes ocorridos em outras regiões do país. Em São Paulo, o samba desenvolveu uma trajetória própria, profundamente vinculada às experiências da população negra, às migrações internas, ao mundo do trabalho e às formas de organização comunitária surgidas após a Abolição.

Muito antes da consolidação das escolas de samba, a capital paulista já possuía uma intensa vida musical popular. Batuques, jongos,

umbigadas, tiriricas, festas religiosas, congadas e manifestações oriundas do interior paulista conviviam com influências trazidas por migrantes baianos, mineiros e fluminenses. Dessa mistura nasceu um samba com identidade própria.

O crescimento acelerado da cidade, impulsionado pela economia cafeeira e pela industrialização, atraiu trabalhadores negros vindos do interior e de outros estados. Muitos encontravam empregos nas ferrovias, nos serviços urbanos, na construção civil e nas fábricas. Paralelamente ao trabalho, construíam espaços de sociabilidade onde a música, a dança e a religiosidade funcionavam como instrumentos de pertencimento.

O samba paulista não surgiu nos palcos nem nas gravadoras. Desenvolveu-se em quintais, terreiros, campos de futebol de várzea, sedes de associações recreativas, bailes familiares e festas religiosas — uma produção cultural ligada ao cotidiano das comunidades negras.

Os territórios do samba

Os primeiros núcleos urbanos do samba concentravam-se em bairros onde a população negra tinha maior presença.

Na Barra Funda, conhecida como berço do samba paulista, famílias negras construíram uma intensa rede de relações comunitárias. Ali nasceram personagens da cultura popular como Dionísio Barbosa, responsável pela criação do Cordão Camisa Verde.

No Bixiga, a convivência entre descendentes de italianos e população negra produziu um ambiente singular de trocas culturais. Foi nesse território que surgiu o Vai-Vai, uma das maiores escolas de samba do país.

Campos Elíseos, Glicério, Liberdade, Bom Retiro, Brás, Vila Matilde, Casa Verde, Peruche e, posteriormente, bairros periféricos como Brasilândia e Capão Redondo também participariam da expansão do samba paulistano.

Esses bairros compartilhavam características semelhantes: forte presença operária, moradias coletivas, baixos salários, precariedade urbana e intensa organização comunitária. Neles, o samba não era entretenimento. Era forma de convivência.

A influência dos clubes negros

Durante as primeiras décadas do século XX, os clubes sociais negros exerceram papel decisivo na consolidação dessa cultura.

Em uma cidade marcada pela segregação racial informal — onde hotéis, salões e restaurantes frequentemente restringiam a presença da população negra —, essas associações tornaram-se espaços de afirmação social. Clubes como o 28 de Setembro, o Smart Club, o Clube Negro de Cultura Social e o Elite Clube promoviam bailes, concursos musicais,

saraus literários, atividades esportivas e campanhas educacionais.

Muitos dos futuros dirigentes dos cordões carnavalescos passaram por essas entidades. Ali se aprendia organização coletiva, administração financeira, produção cultural e articulação política — experiência que seria posteriormente incorporada pelas escolas de samba.

Futebol de várzea e samba

Outro elemento pouco estudado é a relação entre samba e futebol. Grande parte dos cordões nasceu diretamente de equipes amadoras. Os jogadores reuniam-se durante o ano para disputar campeonatos de várzea e, quando chegava o carnaval, utilizavam a mesma estrutura organizativa para montar desfiles.

O caso do Vai-Vai é exemplar. Sua origem está ligada ao Cai-Cai Futebol Clube, equipe formada por jovens negros do Bixiga. Após

conflitos com outras agremiações esportivas, parte do grupo decidiu organizar um cordão carnavalesco. Processo semelhante ocorreu em diversos bairros paulistanos.

Um patrimônio construído coletivamente

A história do samba paulista não pode ser reduzida somente à trajetória de grandes compositores ou escolas famosas.

Ela é resultado do trabalho cotidiano de milhares de pessoas anônimas: costureiras, artesãos, carpinteiros, músicos, cozinheiras, bordadeiras, dirigentes comunitários, trabalhadores urbanos, mães de santo, jogadores de futebol e famílias inteiras que fizeram do samba um espaço de convivência e transmissão de saberes.

Essa dimensão coletiva ajuda a compreender por que o samba permanece, ainda hoje, uma

das mais importantes formas de organização cultural das periferias paulistanas.

Mais do que um gênero musical, tornou-se um patrimônio vivo, continuamente recriado por diferentes gerações.





Lavapés é a escola de samba mais antiga em atividade em São Paulo — Foto: Acervo José Madre e Dona Lúcia Madre

CAPÍTULO 3

Cordões carnavalescos e territorialidade

Quando surgiram os primeiros cordões carnavalescos de São Paulo, o objetivo não era criar um espetáculo para o público, mas fortalecer os vínculos de uma comunidade. Cada agremiação representava um bairro, uma rede de famílias, um conjunto de trabalhadores e uma identidade construída coletivamente. O carnaval funcionava como extensão da vida cotidiana e transformava a rua em espaço de convivência e reconhecimento social.

Os primeiros cordões nasceram nas décadas de 1910 e 1920 em bairros como Barra Funda,

Bixiga, Campos Elíseos, Lavapés e Glicério. Suas sedes frequentemente ocupavam pequenos salões, quintais, garagens ou terrenos cedidos por moradores. Durante quase todo o ano, esses espaços eram utilizados para ensaios, reuniões, festas, campanhas beneficentes e atividades comunitárias.

Mais do que desfiles, os cordões constituíam formas de organização popular. Produziam fantasias, confeccionavam instrumentos, arrecadavam recursos e definiam coletivamente seus enredos. Todo esse trabalho era realizado por moradores, familiares e vizinhos.

A relação entre território e pertencimento era tão estreita que muitos cordões recebiam o nome do próprio bairro. A Barra Funda tornou-se um dos principais centros dessa experiência, sobretudo com o Grupo Carnavalesco Barra Funda, criado em 1914 por Dionísio Barbosa e considerado um dos precursores das atuais escolas de samba paulistas.

No Bixiga, o Vai-Vai consolidou outra experiência emblemática. Surgido a partir do Cai-Cai Futebol Clube, tornou-se espaço de integração entre trabalhadores negros, músicos, artesãos e comerciantes locais, crescendo junto com as transformações urbanas do bairro.

A dimensão territorial dos cordões revela um aspecto frequentemente negligenciado pelas narrativas tradicionais do carnaval: eles não eram apenas agremiações festivas, mas instituições comunitárias responsáveis por produzir solidariedade e memória. Em muitos casos, funcionavam como espaços de acolhimento para migrantes recém-chegados à capital, oferecendo redes de apoio que facilitavam a inserção na vida urbana.

Essa forte relação com os bairros explica por que a expansão da cidade modificou profundamente o carnaval paulistano. As remoções promovidas por obras viárias, a

verticalização das regiões centrais e o deslocamento da população negra para bairros periféricos alteraram a geografia das escolas de samba. Algumas desapareceram. Outras acompanharam seus integrantes para novas regiões da cidade. Muitas reinventaram sua atuação sem perder a ligação com as comunidades de origem.

O carnaval como disputa pelo espaço urbano

Durante boa parte da primeira metade do século XX, o carnaval popular ocupava ruas e largos sem qualquer apoio oficial. Os cordões enfrentavam dificuldades para obter autorização policial, sofriam repressão constante e conviviam com o preconceito das elites paulistanas, que viam essas manifestações como práticas desordeiras.

Ao mesmo tempo, os desfiles tornavam-se momentos de afirmação pública da presença negra na cidade. Desfile significava ocupar simbolicamente espaços historicamente negados à população afrodescendente. Não por acaso, muitos dirigentes carnavalescos tornaram-se posteriormente lideranças comunitárias e referências políticas em seus bairros.

Samba paulista: memória, território e direito à cidade

O samba paulista faz parte da história de São Paulo muito antes de ocupar sambódromos, transmissões televisivas e grandes espetáculos carnavalescos. Sua trajetória acompanha a formação de bairros, a organização das comunidades negras, as transformações do trabalho urbano e as disputas pelo direito de existir e produzir cultura em uma cidade marcada por profundas desigualdades sociais e raciais.

Durante décadas, entretanto, essa história permaneceu fragmentada. A narrativa oficial privilegiou personagens, monumentos e acontecimentos ligados aos processos de modernização da capital, enquanto experiências coletivas produzidas pela população negra permaneceram dispersas entre arquivos pessoais, fotografias familiares, jornais de circulação restrita, memórias orais e acervos comunitários. Parte significativa desse patrimônio jamais ingressou nas instituições responsáveis pela preservação da memória brasileira.

O samba nasceu justamente nesses espaços invisibilizados. Antes de se consolidar como manifestação artística reconhecida nacionalmente, constituiu uma forma de organização social construída em quintais, cortiços, clubes recreativos, irmandades religiosas, campos de futebol de várzea, associações de trabalhadores e festas populares. Esses lugares funcionavam como centros de convivência, solidariedade,

transmissão de saberes e produção cultural, revelando que a história do samba é também a história das formas de associativismo desenvolvidas pela população negra paulista.

Este caderno procura analisar o samba como fenômeno histórico capaz de revelar aspectos fundamentais da formação urbana de São Paulo. A expansão ferroviária, a industrialização, os fluxos migratórios, as reformas urbanas, as remoções de bairros populares, a oficialização do carnaval, a profissionalização das agremiações e a institucionalização das políticas culturais alteraram profundamente as formas de organização dessa manifestação ao longo do século XX.

Essas mudanças demonstram que cultura e cidade nunca caminham separadamente. Cada transformação urbana modifica também os espaços de encontro, os circuitos culturais, as possibilidades de circulação e os modos de produzir memória. Da mesma forma, as comunidades constroem respostas próprias a esses processos, reinventando práticas culturais

e reafirmando identidades coletivas diante das constantes transformações do território.

Ao longo das últimas décadas, o reconhecimento do patrimônio cultural brasileiro também passou por mudanças importantes. A preservação deixou de concentrar-se apenas em edifícios históricos ou coleções artísticas para incorporar saberes, celebrações, modos de fazer e outras expressões da cultura imaterial. Ainda assim, persistem desafios relacionados à representação das culturas negras e populares nos acervos públicos, nos museus e nas políticas permanentes de documentação.

Somente nesse percurso surgem as Cartografias de Bamba

O projeto não aparece como ponto de partida, mas como consequência natural das questões levantadas ao longo da obra. Seu trabalho de pesquisa, documentação e cartografia cultural

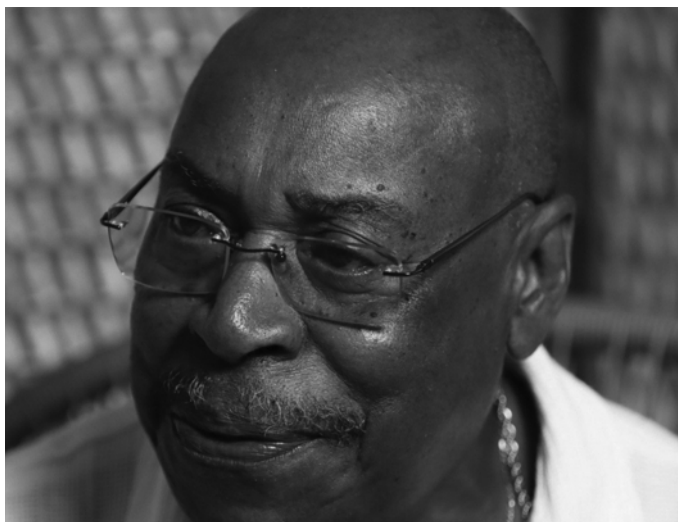
representa uma resposta contemporânea à necessidade de registrar territórios, personagens, documentos e narrativas que permanecem fundamentais para compreender a história social e cultural de São Paulo.

Mais do que um inventário sobre o samba, este caderno propõe um ensaio sobre memória e cidade. Ao reconhecer o samba paulista como patrimônio vivo, reafirma também o direito das comunidades de preservar suas histórias, produzir seus próprios registros e participar da construção das políticas públicas que definem aquilo que será lembrado pelas próximas gerações.





Tia Neide – foto Iniciativa Negra



Zé Maria – foto Iniciativa Negra

CAPÍTULO 4

Ditadura, repressão e resistência cultural

A implantação da ditadura militar, em 1964, alterou profundamente a vida política brasileira, e seus efeitos alcançaram também as manifestações culturais populares. O samba, embora reconhecido como símbolo nacional, passou a conviver com mecanismos de vigilância, censura e controle sobre os espaços públicos de sociabilidade.

As escolas de samba e os cordões carnavalescos não eram organizações políticas no sentido tradicional. Ainda assim, eram lugares de encontro coletivo e fortalecimento comunitário, características que despertavam atenção dos órgãos de segurança. Ao mesmo tempo em que o regime buscava utilizar o

carnaval como vitrine da identidade nacional, restringia formas autônomas de organização popular. A oficialização crescente dos desfiles trouxe novos recursos e maior visibilidade, mas também aproximou as agremiações das estruturas administrativas do Estado.

Nas periferias paulistanas, as quadras continuaram desempenhando funções que extrapolavam o carnaval. Bailes, rodas de samba, festas religiosas e campanhas de arrecadação mantinham viva uma intensa rede comunitária. Foi nesse contexto que compositores, ritmistas, mestres-salas, porta-bandeiras e dirigentes preservaram práticas culturais que dificilmente encontravam espaço em instituições formais.

Enquanto diversos movimentos culturais enfrentavam censura direta, o samba encontrava maneiras de preservar memórias e experiências coletivas. Muitas narrativas sobre o cotidiano das periferias, a migração, a desigualdade social e a discriminação racial permaneceram circulando por meio dos

enredos e das relações comunitárias construídas em torno das escolas.

Esse período também coincide com transformações urbanas profundas em São Paulo. Grandes obras viárias, expansão imobiliária e deslocamentos populacionais alteraram os bairros tradicionais do samba. Apesar disso, novas escolas surgiram em regiões periféricas, demonstrando a capacidade de adaptação dessa manifestação diante das mudanças da cidade.

O samba reorganizou seus espaços de atuação e preservou formas de convivência que seriam fundamentais no processo de redemocratização.





Zelão – foto Iniciativa Negra



Ricardo Americano – foto Iniciativa Negra

CAPÍTULO 5

Redemocratização e as novas políticas culturais

A redemocratização brasileira inaugurou uma nova etapa para as políticas culturais. A Constituição de 1988 reconheceu a cultura como direito de cidadania e ampliou o papel do Estado na proteção do patrimônio material e imaterial do país.

Esse novo marco jurídico abriu espaço para que manifestações historicamente marginalizadas passassem a reivindicar reconhecimento institucional e acesso às políticas públicas. O samba paulista encontrava-se entre elas.

Nas décadas seguintes, consolidaram-se programas de preservação da memória, editais públicos, mecanismos de

financiamento e ações educativas voltadas ao registro das culturas populares. Embora marcadas por avanços e descontinuidades, essas políticas ampliaram a presença das escolas de samba e das comunidades negras nos debates sobre patrimônio cultural.

As próprias agremiações ampliaram sua atuação. Muitas passaram a desenvolver projetos voltados à formação musical, educação de crianças e jovens, inclusão social, geração de renda e preservação de acervos documentais. Esse movimento contribuiu para transformar as quadras em equipamentos culturais permanentes, muito além do calendário carnavalesco.

Cresceu também o interesse acadêmico sobre o samba paulista. Universidades, pesquisadores independentes, museus e centros de documentação passaram a produzir estudos que revelaram dimensões pouco conhecidas dessa história.

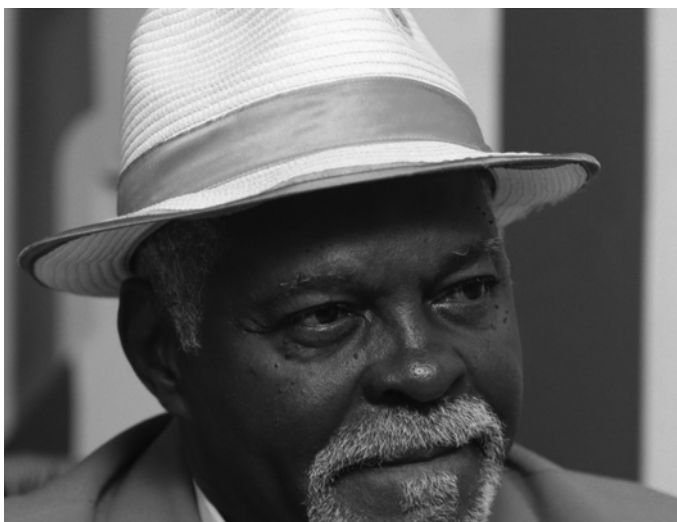
Entretanto, desafios permanecem. Boa parte dos acervos históricos das escolas ainda depende do esforço voluntário de suas

comunidades. Fotografias, documentos, fantasias, partituras, gravações e depoimentos continuam sujeitos à perda, seja pela ausência de infraestrutura adequada, seja pela descontinuidade das políticas públicas.





Simone Tobias – foto Iniciativa Negra



Mesquita – foto Iniciativa Negra

CAPÍTULO 5

Memória, patrimônio e os desafios contemporâneos

Sempre escolhemos aquilo que desejamos lembrar. E, ao mesmo tempo, decidimos aquilo que será esquecido. A memória nunca é neutra. Ela resulta de disputas políticas, culturais e simbólicas.

Durante décadas, grande parte da contribuição da população negra para a formação de São Paulo permaneceu invisibilizada nos livros escolares, nos monumentos públicos e nas narrativas oficiais. O samba foi uma das expressões mais afetadas por esse processo. Diversos mestres morreram sem que suas histórias fossem registradas. Fotografias

desapareceram. Documentos foram perdidos. Clubes recreativos encerraram atividades. Antigas sedes deram lugar a estacionamentos, edifícios e avenidas.

Toda política de patrimônio envolve escolhas. Decidir o que preservar significa também definir quais histórias permanecerão acessíveis às futuras gerações. No caso do samba paulista, essa questão tem peso específico. Grande parte de sua trajetória foi construída por comunidades que, durante décadas, permaneceram à margem das políticas oficiais de patrimônio e dos principais acervos culturais brasileiros.

Nas últimas décadas, políticas de patrimônio imaterial passaram a reconhecer que preservar não significa apenas conservar edifícios — envolve também proteger conhecimentos, celebrações, práticas culturais e formas de organização social. Nesse contexto, o samba ocupa posição estratégica. Sua preservação depende tanto dos arquivos quanto da continuidade das práticas comunitárias.

Sem pessoas, não existe patrimônio vivo. Sem território, a memória perde contexto. Sem documentação, futuras gerações encontrarão apenas fragmentos dessa história.

Projetos de pesquisa, inventários participativos, centros de documentação, museus comunitários e iniciativas audiovisuais passaram a desempenhar papel decisivo na construção dessa memória pública. Ao registrar histórias pouco conhecidas, essas iniciativas também enfrentam desigualdades históricas na representação cultural.





Paulinho – foto Iniciativa Negra



Dona Duda Ribeiro – foto Iniciativa Negra

CAPÍTULO 6

A Barra Funda como território negro

Se tem manifestação cultural, tem território.

O samba paulista nasceu porque existiam lugares onde ele podia existir. Quintais, ruas de terra, largos, terreiros, clubes recreativos e cortiços formavam uma geografia específica de São Paulo entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX. Entre esses lugares, a Barra Funda ocupa papel central.

Hoje incorporado ao centro expandido da metrópole, o bairro foi durante décadas uma zona de fronteira. Próximo às ferrovias, às indústrias e aos armazéns, concentrou trabalhadores negros, migrantes internos, imigrantes europeus e populações recém-

chegadas do interior paulista. Essa convivência produziu conflitos, mas também trocas culturais.

A proximidade das estações ferroviárias facilitava a circulação de pessoas entre bairros e cidades vizinhas. Sambistas transitavam entre Barra Funda, Campos Elíseos, Bom Retiro, Bexiga, Brás, Casa Verde, Lapa, Água Branca e, posteriormente, bairros da zona norte e leste. O samba crescia acompanhando os deslocamentos da cidade.

A urbanização acelerada modificava continuamente esses territórios. Indústrias surgiam. Vilas operárias eram construídas. Cortiços se multiplicavam. Depois vinham desapropriações, abertura de avenidas e novos processos de valorização imobiliária. Cada intervenção alterava também as formas de sociabilidade. Não por acaso, muitos cordões carnavalescos mudaram diversas vezes de endereço ao longo da história.

A Barra Funda é conhecida como berço do Camisa Verde e Branco, mas sua importância ultrapassa qualquer escola específica. Ali consolidou-se um modelo de organização

comunitária que articulava lazer, religiosidade, música e redes de solidariedade. Era comum que um mesmo espaço servisse para ensaios, festas familiares, reuniões e celebrações religiosas. Essa sobreposição de funções revela como cultura e cotidiano eram inseparáveis.

A partir das décadas de 1950 e 1960, novas transformações urbanas alteraram profundamente esse cenário. Viadutos, avenidas e verticalização reduziram muitos espaços tradicionais de convivência. Ainda assim, práticas culturais sobreviveram graças à capacidade das comunidades de reorganizar suas redes.

Entender a Barra Funda significa compreender que patrimônio não é apenas edifício. É também território vivido.



CAPÍTULO 7

Quando o carnaval virou política pública

Durante grande parte do século XX, os cordões carnavalescos eram organizados praticamente sem apoio estatal. As comunidades arrecadavam recursos entre comerciantes, moradores e associados. Fantasias eram costuradas coletivamente. Instrumentos eram reaproveitados durante anos. A sobrevivência dependia da mobilização comunitária.

Esse cenário começou a mudar quando o poder público passou a reconhecer o carnaval como política cultural. A oficialização dos desfiles, iniciada nas décadas de 1960 e 1970 e consolidada nos anos seguintes, alterou profundamente a dinâmica do samba paulista.

A regulamentação trouxe benefícios evidentes: maior estabilidade financeira, infraestrutura, organização dos desfiles e ampliação do público. Ao mesmo tempo, surgiram novos desafios. A lógica dos concursos passou a influenciar processos criativos. Os desfiles tornaram-se mais complexos. A produção artística passou a exigir equipes especializadas — carnavalescos, cenógrafos, costureiras, aderecistas, iluminadores e técnicos integram hoje estruturas cada vez maiores.

O carnaval tornou-se também uma cadeia econômica. Mobiliza trabalhadores temporários em áreas como confecção, cenografia, turismo, alimentação, transporte, comunicação e economia criativa. Segundo estudos da Fundação Getúlio Vargas e de observatórios do carnaval, os grandes desfiles movimentam centenas de milhões de reais anualmente apenas na cidade de São Paulo.

Esse processo ampliou oportunidades profissionais, mas também produziu tensões. Como preservar tradições comunitárias diante das exigências do espetáculo? Como equilibrar

criatividade artística e regulamentos técnicos?
Como garantir financiamento sem
comprometer autonomia cultural?

As políticas públicas para o samba não podem
ser reduzidas ao financiamento dos desfiles.
Elas envolvem preservação da memória,
formação artística, documentação de acervos,
educação patrimonial e fortalecimento das
organizações culturais existentes nos territórios.

O reconhecimento do samba como patrimônio
cultural amplia essa responsabilidade. Mais do
que promover eventos, cabe ao Estado criar
condições para que comunidades mantenham
vivas suas formas próprias de produção cultural.



CAPÍTULO 8

O projeto das Cartografias

Conhecer o samba paulista exige mais do que celebrar personagens consagrados. É necessário compreender os lugares, as redes sociais e as trajetórias que sustentaram sua construção ao longo de mais de um século.

Foi desse entendimento que surgiu o **Cartografias de Bamba**. O projeto parte de uma pergunta direta: como registrar uma memória que continua viva?

A resposta não está apenas em arquivos escritos. Ela passa pelos depoimentos dos sambistas, pelas fotografias preservadas em famílias, pelos instrumentos musicais, pelas sedes das escolas, pelos antigos locais de ensaio e pelos territórios onde essas histórias aconteceram.

O projeto reúne pesquisa histórica, documentação audiovisual, registros fotográficos, entrevistas e mapeamento territorial. Cada personagem registrado amplia a compreensão do samba paulista como fenômeno cultural e social.

O projeto também busca aproximar diferentes gerações. Muitos jovens conhecem os desfiles atuais, mas pouco sabem sobre os cordões carnavalescos, os antigos compositores, os dirigentes comunitários ou as transformações urbanas que moldaram essa história. Ao documentar essas trajetórias, Cartografias de Bamba produz um acervo que poderá servir tanto à pesquisa acadêmica quanto às ações educativas desenvolvidas por escolas, bibliotecas, museus e centros culturais.

O objetivo não é registrar memórias individuais, mas compreender processos coletivos. Cada depoimento revela formas de organização comunitária. Cada fotografia registra mudanças urbanas. Cada mapa mostra como cultura e território se constroem juntos.

Mais do que um inventário, Cartografias de Bamba propõe uma leitura do patrimônio cultural que entende preservação não como conservação estática, mas como produção contínua de conhecimento — um processo que pertence, antes de tudo, às comunidades que lhe dão sentido.



Na TV RAIZ



Assista a entrevista exclusiva com **Nathália Oliveira** - co-fundadora e Diretora Executiva da Iniciativa Negra – *foto Iniciativa Negra*



Acesse via QR Code
[Youtube.com/
@RevistaRaiz](https://www.youtube.com/@RevistaRaiz)



SAMBA SP

**texto originalmente publicado
na Revista Raiz 09 em setembro de 2011*

Comprei uma casinha pra mim e ela morar

Fui morar no pé da serra

E levei felicidade para lá

Tristeza não foi preciso convidar

Pra comemorar o ano

Resolvi fazer um chá

Só não convidei tristeza

Mas tristeza chegou lá

Tristeza não foi preciso convidar

*("Pé de serra" - Toniquinho Batuqueiro,
CD Memória do Samba Paulista)*

Lendo a letra acima ficamos imaginando de que modo os cariocas como Cartola, Nelson Cavaquinho ou Zeca Pagodinho iriam se

inspirar pelo chá das cinco? Essa herança da ocupação ferroviária desenhada pelos ingleses no estado de São Paulo no final do século XXI, é só um dos diferenciais do samba paulista. O samba sempre reconhecido pelo batuque, tem na poesia outra força incontida.

Ambos, batuque e poesia, revelam as origens que o moldaram como uma arte especial.

Uma manifestação que envolve música, dança, comportamento e, principalmente, a socialização para sua plena realização: roda, pagode, cordão, bloco, escola de samba, comunidade...

Olhando para São Paulo vemos um cenário que nos surpreende. Escutar o samba paulista é se defrontar com uma música que guarda um jeito próprio e de forte acento, fruto da mixagem de influências amplas: indígena, africana e europeia. Crescida em meios distintos migra da roça para a fábrica, trazendo para o samba essa identidade característica de quem é caipira de nascença e urbano de criação. Essa identidade muitas vezes não percebida, vem sendo

reenergizada pela juventude paulistana em diversas manifestações e organizações na busca do espaço perdido na competição dos desfiles na Avenida e na programação musical das mídias. Afinal, a realidade do samba paulista é rica em batuque e poesia.

Vindo de Pirapora, Sorocaba, Laranjal Paulista, Tietê, só para citar as cidades mais recorrentes, o samba de São Paulo finca suas raízes de fora para dentro. Caipira do interior rural paulista, campeado pela influência indígena e do ciclo cafeeiro, vem explodir como manifestação no meio urbano. Não é à toa, que Mario de Andrade tenha classificado de rural, o samba praticado no Estado.

“São Paulo é o lugar onde mais se toca, se canta e se renova o samba no Brasil”.

Essa é a afirmação de T. Kaçula, um dos expoentes da nova geração de sambistas paulistanos, desafiando a voz corrente de que São Paulo é rock e Rio de Janeiro é samba. São

mais de sessenta grupos organizados na Associação de Sambistas e Comunidades do Samba de São Paulo (ASCSS), 68 filiados da UESP (União das Escolas de Samba Paulistanas), além da Liga das Escolas de Samba de São Paulo com a presença das maiores Escolas de Samba da capital paulista.

Contabilizando o número de bares em todo Estado de São Paulo, que harmonizam a clientela na cadência do samba, vemos que essa cultura e essa música, comprimida nas quadras de suas escolas pelo carnaval e nas rádios pelo pop e sertanejo, se mantém como hit no coração dos paulistas.

O samba paulista começa a contar sua história pelos negros das lavouras de café, que migram para os grandes centros urbanos e vão construindo a cidade, trabalhando nas fábricas e se agrupando para celebrar a batida dos terreiros ancestrais.

Assim, seu ritmo é definido por Plínio Marcos, um dos maiores entusiastas do samba paulista, como: "samba de trabalho, durão, puxado para o batuque", ou na

opinião de Renato Dias, do Kolombolo:
"mais no chão, como a dança dos índios".

**Samba de bumbo x de surdo; marcha
sambada x partido alto; metais x reco-reco;
tamborim e agogô; porta-estandarte x
mestre-sala e porta-bandeira; chocalho x
repinique; as diferenças são muitas na
ponte São Paulo-Rio.**

A poesia não é diferente, além dos temas universais de todo samba, como solidão, tristeza, amores perdidos, traz à tona palavras próprias como chá, fubá, serra, garoa e tantas expressões paulistas e paulistanas, abusando das conjugações verbais onde o verbo está no singular e o sujeito no plural numa mistura de aldeia, quilombo e continente europeu andando todos juntos nas ruas da capital São Paulo.

*O Arnesto nos convidou
pra um samba, ele mora no Brás
Nós fumos não encontremos ninguém*
(“Samba do Arnesto” – Adoniran Barbosa)

No samba, nossa Lapa é a Barra Funda.

Predestinação ou não, a figura reconhecida como fundador do samba organizado de São Paulo chamava-se Dionísio, o deus grego da celebração. Dionísio Barbosa, negro da primeira geração de escravos livres que veio morar em São Paulo. Foi beber na fonte do carnaval no bairro da Penha carioca, fundando posteriormente o Cordão Barra Funda em 1914, que mantendo as cores verde e branco desde sua origem, se transmuta em uma das mais tradicionais Escolas de Samba de São Paulo, o Camisa Verde e Branco. Não por acaso, ser a Zona Norte paulistana o reduto de grande parte das Escolas de Samba paulistanas.

Adeus, tá chegando a hora
Acabou o samba, adeus Barra Funda,
eu vou-me embora
Veio o progresso, fez do bairro uma cidade
Levou a nossa alegria, também a simplicidade
(“Último sambista” - Geraldo Filme)

O carnaval é a festa maior do samba. Em São Paulo acontecia nas ruas de maneira espontânea, capitaneada pelos cordões, seguida pelas guerras de confetes, corsos de automóveis, fantasias as mais criativas. Os cordões com as suas balizas em performance de ginasta e malabares à frente, cumpriam papel de liderança e aglutinação em seus entornos urbanos. Gradativamente, a festa de momo foi sendo “enquadrada” em um espaço oficial e se afastando do cotidiano da cidade, assim como os instrumentos musicais sendo substituídos pelo padrão e necessidades dos desfiles na avenida.

Hoje, o Sambódromo do Anhembi, deixa a festa simbolicamente às margens do Tietê, enquanto a cidade pulsa solene o seu dia a dia, sem ter que limpar as serpentinas e as lantejoulas na calçada.

Rotina que tem sido alterada em parte pelos Blocos e Cordões, que ganham as ruas, não só da capital paulista, como da carioca também. Nessa onda dos blocos, temos hoje um forte movimento da juventude da metrópole paulistana resgatando o samba de raiz e o reinventando com novas melodias e combinações. O Kolombolo, da Vila Madalena, começou em 2002 com pouco mais de 100 pessoas e no último carnaval saiu com mais de 1.500 foliões cantando os temas do samba paulista, além de manter constante programação mensal no projeto Praça do Samba.

Afinal, no Sambódromo, no dizer do mestre Seu Carlão do Peruche: *“Não existe carnaval, existe uma competição entre agremiações”*.

“Os caras ficam tocando maracatu de Pernambuco, sem saber que eles tem uma cultura própria, atrás da sua casa”.

Quem alerta é Renato Dias, do Kolombolo, sobre o desconhecimento que ainda impera sobre o samba das terras de Piratininga. Conhecemos Adorinan Barbosa, cujo sotaque ajudou a afirmação do samba caipira paulista. Alguns conhecem Germano Mathias, Oswaldinho da Cuíca e Isaurinha Garcia. Mas se falarmos em Geraldo Filme, Zeca da Casa Verde, Toniquinho Batuqueiro, Talismã, Sílvio Modesto, Jangada, Henricão, Vassourinha, Paulistinha, todos nomes importantes para o samba paulista, vamos saber muito pouco sobre eles, mesmo em uma busca online. Da nova safra tem se destacado o Quinteto em Branco e Preto e, mais recentemente o Kiko Dinucci, mas são muitos os compositores do samba paulista em diálogo constante com as velhas guardas das Escolas de Samba, que se reconhecem e são reconhecidos num relação harmônica e positiva.

No sentido desse entendimento da história e da construção do novo, com fortes apelos de

resistência cultural expressos de maneira direta, é que movimentos de resgate ao samba de raiz tem ganho força em todo estado paulistano. Num breve painel vemos na Capital: Samba da Vela, Samba da Ponte e Samba de Todos, na Zona Sul; Samba da Tenda, em São Miguel; Samba da Feira, na Zona Norte; Samba do Livro, em Pirituba.

No interior temos: Pagode do Sobrado e Samba da Arca, em Guarulhos; Panela do Samba, em Sorocaba, Afromix, em Campinas, Terreiro do Samba, em Araraquara, só para citar alguns.

Convidamos todos a conhecer esse universo do samba, expresso com garra, amor à camisa e muito profissionalismo pelo jovens músicos paulistas. Abaixo, mais referências para seu conhecimento e diversão.

Esquente o chá e aumente o som.

Por Edgard Steffen Junior



Acima, T. Kaçula, abaixo, Renato Dias em entrevistas exclusivas para a Revista Raiz



BIBLIOGRAFIA SUGERIDA

SAMBA PAULISTA HISTÓRIA E CULTURA

ALENCAR, Edigar de. O carnaval carioca através da música. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

AMERICANO, Jorge. São Paulo naquele tempo (1895–1915). São Paulo: Saraiva, 1957.

BIONDI, Luigi; FONTES, Paulo. Trabalhadores e cidadãos: nitrato de prata e trabalhismo. São Paulo: Annablume, 2003.

CARVALHO, Maria Alice Rezende de. O samba, a opinião e outras bossas na construção republicana do Brasil. In: CAVALCANTE, Berenice; STARLING, Heloísa; EISENBERG, José (orgs.). Decantando a República. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

CASTRO, Ruy. Chega de saudade: a história e as histórias da bossa nova. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

FENERICK, José Adriano. Nem do morro nem da cidade: as transformações do samba e a indústria cultural (1920–1945). São Paulo: Annablume/Fapesp, 2005.

FILME, Geraldo. Memórias do samba paulista. São Paulo: Imprensa Oficial, 2009.

FROTA, Wander Nunes. Auxílio luxuoso: samba símbolo nacional, geração Noel Rosa e tradição musical. São Paulo: Annablume, 2003.

HIRANO, Luis Felipe Kojima. Samba paulista: raça, classe e identidade. São Paulo: Humanitas, 2011.

MORAES, José Geraldo Vinci de. Metrópole em sinfonia: história, cultura e música popular em São Paulo nos anos 1930. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

NEPOMUCENO, Rosa. Música caipira: da roça ao rodeio. São Paulo: Editora 34, 1999.

SILVA, Marília T. Barboza da; OLIVEIRA FILHO, Arthur L. de. Silas de Oliveira: do jongo ao samba-enredo. Rio de Janeiro: Funarte, 1981.

SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes von. Carnaval em branco e negro: carnaval popular paulistano (1914–1988). Campinas: Editora da Unicamp; São Paulo: Imprensa Oficial, 2007.

TINHORÃO, José Ramos. História social da música popular brasileira. São Paulo: Editora 34, 1998.

TINHORÃO, José Ramos. Os sons dos negros no Brasil: cantos, danças, folguedos: origens. São Paulo: Editora 34, 2008.

POPULAÇÃO NEGRA E CIDADE DE SÃO PAULO

ANDREWS, George Reid. Negros e brancos em São Paulo (1888–1988). Bauru: Edusc, 1998.

BASTIDE, Roger; FERNANDES, Florestan. Brancos e negros em São Paulo. São Paulo: Global, 2008.

BULAMAH, Rodrigo Charafeddine. Ruínas habitadas: raça, cultura e política no Brasil contemporâneo. São Paulo: Editora Unesp, 2021.

DOMINGUES, Petrônio. Uma história não contada: negro, racismo e branqueamento em São Paulo no pós-Abolição. São Paulo: Senac, 2004.

FERNANDES, Florestan. A integração do negro na sociedade de classes. São Paulo: Globo, 2008. 2 v.

FRAGA FILHO, Walter. Encruzilhadas da liberdade: histórias de escravos e libertos na Bahia (1870–1910). Campinas: Editora da Unicamp, 2006.

PINTO, Regina Pahim. O movimento negro em São Paulo: luta e identidade. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2013.

ROLNIK, Raquel. A cidade e a lei: legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo. São Paulo: Studio Nobel/Fapesp, 1997.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870–1930). São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SILVA, José Carlos Gomes da. Negros em São Paulo: espaço público, imagem e cidadania. In: NIEMEYER, Ana Maria de; GODOI, Emília Pietrafesa (orgs.). Além dos territórios. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

TRENTO, Angelo. Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil. São Paulo: Nobel, 1989.

PATRIMÔNIO CULTURAL E MEMÓRIA

ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (orgs.). Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

ARANTES, Antônio Augusto (org.). Produzindo o passado: estratégias de construção do patrimônio cultural. São Paulo: Brasiliense/Condephaat, 1984.

BOSI, Ecléa. Memória e sociedade: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CANDAU, Joël. Memória e identidade. São Paulo: Contexto, 2011.

CHAUÍ, Marilena. Cidadania cultural: o direito à cultura. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.

FONSECA, Maria Cecília Londres. O patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Iphan, 2005.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. A retórica da perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Iphan, 1996.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Centauro, 2006.

LE GOFF, Jacques. História e memória. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História, São Paulo, n. 10, p. 7–28, dez. 1993.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3–15, 1989.

PATRIMÔNIO IMATERIAL E CULTURAS POPULARES

ABREU, Regina. Patrimônio cultural: tensões e disputas no contexto de uma nova ordem discursiva. In: LIMA FILHO, Manuel Ferreira; ECKERT, Cornelia; BELTRÃO, Jane (orgs.). Antropologia e patrimônio cultural. Blumenau: Nova Letra, 2007.

BARTOLONI, Josiane. Escolas de samba: o espetáculo e suas histórias. São Paulo: Imprensa Oficial, 2009.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. Carnaval carioca: dos bastidores ao desfile. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994.

IPHAN. Patrimônio imaterial: o registro do patrimônio imaterial. Brasília: Iphan, 2006.

LONDRES, Cecília. Patrimônio e performance: uma relação interessante. In: TEIXEIRA, João Gabriel (org.). Patrimônio imaterial, performance cultural e (re)tradicionalização. Brasília: ICS-UnB, 2004.

SODRÉ, Muniz. O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira. Salvador: Imago/Secretaria da Cultura e Turismo da Bahia, 2002.

DIREITO À CIDADE E SEGREGAÇÃO URBANA

DAVIS, Mike. Planeta favela. São Paulo: Boitempo, 2006.

HARVEY, David. A produção capitalista do espaço. São Paulo: Annablume, 2005.

HARVEY, David. Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

KOWARICK, Lúcio. A espoliação urbana. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

LEFEBVRE, Henri. O direito à cidade. São Paulo: Centauro, 2001.

MARICATO, Ermínia. Brasil, cidades: alternativas para a crise urbana. Petrópolis: Vozes, 2001.

ROLNIK, Raquel. Guerra dos lugares: a colonização da terra e da moradia na era das finanças. São Paulo: Boitempo, 2015.

RACISMO, JUSTIÇA RACIAL E POLÍTICAS PÚBLICAS

ALMEIDA, Silvio. Racismo estrutural. São Paulo: Sueli Carneiro/Pólen, 2019.

CARNEIRO, Sueli. Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil. São Paulo: Selo Negro, 2011.

GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. Lugar de negro. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.

HASENBALG, Carlos. Discriminação e desigualdades raciais no Brasil. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2005.

MOURA, Clóvis. Sociologia do negro brasileiro. São Paulo: Ática, 1988.

NASCIMENTO, Abdias do. O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

PINHEIRO, Luana et al. Retrato das desigualdades de gênero e raça. 4. ed. Brasília: Ipea/SPM/ONU Mulheres, 2011.

FONTES DOCUMENTAIS E AUDIOVISUAIS RECOMENDADAS

Acervo do Museu de Folclore Edison Carneiro —
CNFCP/Iphan, Rio de Janeiro.

Acervo da Discoteca Oneyda Alvarenga — Centro
Cultural São Paulo.

Arquivo Histórico Municipal de São Paulo — Coleção
de Festas Populares.

Arquivo Público do Estado de São Paulo — Fundo
DEOPS.

Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin — USP, São
Paulo.

Cinemateca Brasileira — Acervo de documentários
sobre carnaval e cultura popular.

Museu da Imagem e do Som de São Paulo (MIS) —
Coleção de depoimentos orais.

PERIÓDICOS E PUBLICAÇÕES ESPECIALIZADAS

Afro-Ásia — Revista do Centro de Estudos Afro-
Orientais da UFBA, Salvador.

Estudos Históricos — Revista da Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro.

Horizontes Antropológicos — Revista do PPGAS/UFRGS, Porto Alegre.

Projeto História — Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC-SP.

Revista do Instituto de Estudos Brasileiros — USP, São Paulo.

Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional — Iphan, Brasília.

CADERNOS
RAIZ
DA QUESTÃO

3

8/26

OS BAMBAS DA BARRA FUNDA



CAMPOS
ELÍSEOS

SANTA
CECÍLIA

VÁRZEA
DO CARMO

LIVROS
RAIZ

AR
ASSOCIAÇÃO RAIZ